

A PLEBE

PERIODICO LIBERTARIO

FUNDADO EM 17-6-1917

REDATOR-GERENTE: RODOLPHO FELIPE

Redação e administração
LADREIRA DO CARMO N.º 7
Expediente à noite

ASSINATURAS:
Ano 10\$000 -- Semestre 5\$000
Numero avulso \$200 -- Pacote: 12 exemp. 2\$000

Toda correspondência, vales e registros
devem ser endereçados à Caixa Postal, 105
S. Paulo - Brasil

PARA ONDE VAMOS?

Abaixo o Fascismo!

Até os espiritos menos perigosos terão já notado a atmosfera político-social carregada de nuvens negras, ameaçando ruir em tempestade cheia de calamidades, de ruínas, de associações para a humanidade.

Queremos referir-nos ao fascismo. A moda, o recurso extremo, o argumento contudente para anular, iludir, ou contornar as dificuldades da hora presente, é apelar para o sistema fascista da força bruta, da ameaça estúpida, do estrangulamento violento de todos os restos de liberdades publicas e particulares, pela supressão agressiva de todas as reclamações justas, de todas as aspirações generosas e pela suboção de todas as ansias de transformação econômica, política, moral e mental que possam acalentar as massas proletarias e populares.

O que se está passando na Alemanha é a prova mais inconcussa e irresponsível das afirmações feitas. O que os telegramas nos têm informado daquele país, a todos mostra que sou a hora tragica em que a Liberdade parece periclitar e succumbir para gaudío e proveito das raças e classes aristocraticas e capitalisticas que não renunciaram por nenhum preço aos privilégios milenarios que veem usufruindo, que não abrem mão das vantagens seculares que veem destrutindo para desconforto e desgraça do gênero humano, ruína das legiões infinitas de pobres, de párias, de proletarios desprotegidos.

E o que é pior, o que faz pasmar e indignar e fremir e perdebemos claramente que aqui no Brasil se desenham correntes simpáticas ao advento do Fascismo como o unico meio, o derradeiro recurso para afrontar as dificuldades que surgem e que nem sequer são peculiaridades a este grande país, mas tem caráter de universalidade, pois em todas as nações do mundo os embaraços surgem e crescem e avolumam-se a todos os momentos e onde o Fascismo se implantou não conseguiu, diminui-lo, nem abrandá-lo, nem suavizá-lo, mas, muito pelo contrario, só exacerbou, agravou e aumentou as dificuldades.

O grande escritor e estadista italiano F. Nitti demonstrou com dezenas e centenas de artigos e de estudos, com as estatísticas na mão, o caos econômico a que o Fascismo reduziu a Italia com Mussolini e a Espanha com Primo de Rivera. Este general em 7 anos de ditadura gastou mais

do que a Espanha tinha gastado nos cem anos anteriores de atividade social

Pois, pelos indícios aparecidos e por manifestações mais ou menos claras, parece haver brasileiros apologistas do fascio, propugnando a sua aplicação ao Brasil, como a utilica palavra em experiencia social, como a derradeira expressão de freio para o povo, como a maxima tentativa para aplacar, pela violência, os desejos incontidos do povo brasileiro por mais liberdade, mais justiça, mais equitatividade na distribuição dos encargos e dos frutos das atividades dos produtores sociais.

E isto será um erro indesculpavel. Será uma tentativa falha e idiota que só calamidades, injustiças, barbaridades produzirá e sem proveito ou vantagem de qualquer especie.

Ainda mais. Ante o evoluir da sociedade brasileira, esse

regime de violência sistemática é a maior das aberrações. O Brasil nasceu, cresceu, desenvolveu-se, fez-se independente, tornou-se Império e depois República constituiu-se um dos países mais admirados do mundo precisamente pela bondade do seu povo, pelo respeito a todas as crencas, pela tolerancia para com todas as religiões e ideologias, pela harmonia mantida entre as diversas raças e as diversas correntes de indivíduos de todas as nacionalidades que aqui vieram contribuir com a sua atividade para criar uma civilização especial, característica e peculiar que aqui se está elaborando e de onde irradiará para todo o mundo.

Desviar o Brasil do caminho trilhado aqui é deservi-lo, é deter o seu progresso, é atentar contra as suas mais nobres e dignas tradições, é querer decepar e extrangular aquilo que mais especifica e nobilita o povo brasileiro, digno de todas as imunidades e felicidades: o seu espirito de independência, o seu apego a liberdade, o seu amor à paz, à benevolência e à equidade. Que o povo saiba evitar esse odio escolhido, inspirando-se nas mais lindas e genuinas páginas da sua historia.

PALAVRAS IMORTAIS

CONTRA A GUERRA

Só com pensar na palavra guerra, se apodera de mim um espanto como se me fálasse de bruchado, de tempestade, de uma colza longinqua, terminada já, abominável, monstruosa, contra-natural.

Quando se fala do antropófago, sorrimos com orgulho, proclamando nossa superioridade sobre aqueles selvagens; mas quais são os selvagens, os verdadeiros selvagens? Os que se batem para comer os venéticos, ou os que se batem só por prazer de matar?

Os pobres, soldado que vão além, ao longo, estão destinados á morte como os carneiros; que o carneiro conduz ao matadouro.

Ah! cairão num campo dom a cabeça fofada de uma batometada ou o peito atravessado por uma bala, sendo jovens que poderiam trabalhar, produzir, ser úteis.

Seus pais são velhos e pobres; suas mães, que durante vinte anos os têm amado; adorado, como amam as mães, saberão dentro de seis meses ou um ano que aquelo filho que criaram com tanto amor foi arrojado a um fôssco como um cão, depois de ter sido patido e esmagado pelas cargas de exatarias!

Porque mataram a seu filho, aquelo filho tão formoso, que era á sua esperança, o seu orgulho, a sua vida?

A guerra!... bater-se!... assassinar homens!... E temos hoje, em nossa época, com nossa civilização, com a extensão da ciência e o grau de florescência a que chegou o genio humano, as escolas em que se ensina a matar de longe e com perfeição muita gente

divina; é uma das leis sagradas do mundo, porque mantém vivos nos homens todos os grandes e nobres sentimentos, a honra, o desinteresse, a virtude e o valor, e os impede, numa palavra, de cair no mais repugnante materialismo.

Segundo isso, reunir-se em rebanhos de quatrocentos mil homens, marchar dia e noite sem repouso, não pensar, não estudar, não aprender nada, não ler, não ser útil a ninguém, apodrecer na sociedade; dormir na lama, viver com o bestas numa estúpidez contínua, saquear cidades, queimar aldeias, arruinar nações, encontrar-se com outra aglomeração de carne humana, lançar-se contra ela, fazer lagoas de sangue, mesclar nas planícies a carne destrocada á terra lodosa e roxa, amontoar cadáveres, ficar sem braços e sem pernas e morrer abandonado num campo, sem abrigo para ninguém, enquanto os seus velhos pais, nossa mulher e nossos filhos, morrem de fome, eis o que se chama «não cair no mais grosseiro materialismo!»

Os homens de guerra são o flagelo do mundo. Lutamos contra a natureza, contra a ignorancia e contra os obstáculos de toda a classe para fazer menos dura a nossa miserável vida.

Os homens em geral, os filantropos, os sábios, empregam sua vida a trabalhar em tudo o que pôde ajudar, ao correr ou consolar a seus irmãos; eorem anelantes á tarefa útil, amontando descobrimetos, elevando o espirito humano, exalçando a ciencia, aumentando dia a dia o capital intelectual, facilitando o bem estar para todos.

Chega a guerra, e numa curta campanha, os exercitos, debaixo da direção de seus generais, destroem o que levou a produzir muitos anos de genio, de paciencia e de esforços.

Isso é o que se chama «não cair no mais repugnante materialismo».

Temos visto por nossos proprios olhos o que é a guerra; temos visto aos homens degradados mais baixo que as feras, enfurecidos, matar por prazer, por fanfarronice.

Quando o direito não existe, quando toda a noção de justiça desaparece, temos visto fuzilár inocentes achados num caminho, porque o medo os fez parecer suspeitos.

Temos visto matar cães encadeados á porta de seus anos para experimentar revólvers novos; temos visto fuzilár vacas deitadas no campo, por brincadeira, para experimentar a pontaria, sem causa nem pretexto algum: a isso se chama — não cair no mais repugnante materialismo».

Entrar num país, degolar ao homem que detende sua casa, só porque veste uma blusa e não cobre a cabeça com um kepi; queimar as viviendas dos infelizes que não têm pão; destruir os móveis, roubar o que podem transportar facilmente, beber o vinho encontrado nas adegas, violar mulheres que transitavam pelas ruas, queimar milhões de frangos em pólvora, e deixar átras de si a miséria e a epidemia — eis o que é «não cair no mais repugnante materialismo».

Que têm feito os homens de guerra para mostrar um pouco de intelligência? Nada.

Que têm inventado? Armas e canhões.

Mais, muito mais fez pela humanidade o inventor do carro, com a idea simples e pratica de ajustar duas rodas a um pau, que o inventor das fortificações modernas.

Que nos resta da Grecia? Livros e marmores. Porque é grande aquela nação, pela guerra, ou pela floresta e pela arte?

Foi a invasão dos persas a que a impediu de «cair no mais repugnante materialismo?».

Foram acaso as invasões dos barbaços o que salvou e regenerou Roma?

Foi Napoleão I o continuador do grande movimento intelectual começado pelos filosofos de fins do seculo XVIII?

Deduzamos francamente a consequencia logica: posto que os governos se arrogam com direito de morte sobre os povos, nada tem de estranho que os povos tomem ás vezes o direito de morte sobre os governos. Delendem-se com razão: ninguém tem direito absoluto de governar aos outros.

GUY DE MAUPASSANT
(Célebre romancista francez)

Contra a prisão de Rodolfo Felipe

A proposito da prisão do nosso companheiro Rodolfo Felipe, redator de «A Plebe» foi enviado ao Ministro da Justiça o seguinte telegrama de protesto:

Sr. Ministro da Justiça — Rio — Federação Operaria e Centro de Cultura Social protestam perante Vossa Excia. contra a prisão de Rodolfo Felipe, redator do jornal «A Plebe» e enviado ao Ministério da Justiça o seguinte telegrama de protesto: A COMISSÃO.

As infâmias do jesuitismo

Caros companheiros de «A Plebe». — Saúde. — Venho narrar-vos infâmias e misérias de que fui vítima, por obra de jesuitas de batina, de calças e de saias.

Emancipado desde bastante moço dos idiotas preconceitos religiosos e convencido de que só os nossos ideais de regeneração e emancipação humana poderão fazer feliz a humanidade, desde o meu casamento, portanto, procurei fazer de minha esposa uma boa companheira. Ela era religiosa e tratei de emancipá-la da tutela da igreja.

Nasceu a nossa primeira filha Vanda aos dez mezes da nossa união e, pesaroso, soube pouco depois que ela havia sido batizada. Contrariou-me o fato, mas não me surpreendeu. Minha mulher e companheira ainda escrava da religião arranjara o batizado ás escondidas.

Entrei a trabalhar com mais altico na sua emancipação, e aparentemente parecia-me que havia alcançado o fim almejado.

Nasceram outros filhos: Vilma, Glordano, Volga, Jaures e Vilalva, e eu me considerava feliz porque eles não haviam sido batizados. Isto é, não haviam sido contaminados com aquela agua santurada e cheia de microbios, de doenças perigosas, na qual molham as mãos os dentes de corpo e espirito. E que na sua pureza tinham ficado im-

A perenidade da luta

A luta não é de hoje. Não é invenção do proletariado moderno. A guerra de classe, a guerra social existiu sempre. Desde que surgiu o primeiro privilégio e a primeira desigualdade, surgiu imediatamente o primeiro protesto, o primeiro assomo de indignação determinado pela lesão ao espírito de justiça e de igualdade social.

Na antiguidade grega assiste-se a uma luta pertinaz, paciente e permanente entre os pobres e os óptimatos, entre o povo e os nobres, entre os trabalhadores e os aristocratas, entre a democracia e a oligarquia, entre o proletariado e os grandes e os Espárquidos, os senhores, os donos, os pátrios, os privilegiados. Sempre o princípio de liberdade a conquistar o terreno, palma a palma, polegada a polegada, ao princípio autoritário, despótico, e insaciável de riquezas, de proveitos e vanglorias.

Passando à antiga Roma, que vemos? Assistimos aqui que o eminente e honesto historiador brasileiro, sr. Oliveira Lima, assim descreveu: «Toda a história romana — e isto que lhe empresta muito do seu interesse — constitui uma luta de classe, luta política, social e econômica, dos plebeus contra os patrícios, a qual só cessa quando o imperialismo guerreiro, concentrando na expansão territorial as energias nacionais, distraía os espíritos desde conflito capital e os fez aceitar sem protesto o despotismo dos ditadores e depois dos imperadores, que davam ao povo pão e circo, amparando seu poder com as legiões».

Nada ha novo debaixo do sol. É isto que vemos com a citação feita, lá os despotas romanos, para desviar o povo da conquista de suas regalias, trataram de distrair com guerras de conquista, mas que só passageiramente obtiveram o fim desejado.

Eltivamente, sempre o império esteve a braços com o insolúvel problema do pobre contra o rico; como o próprio tantos fatos e de entre os quais se destacam a Guerra servil da Sicília que durou tres anos e que destruiu quatro exercitos, mandados contra os revoltosos, calculados em duzentos mil, armados conforme podiam.

As lutas do proletariado chefiadas pelos irmãos Grachos, filhos da nobre Cornelia, jovens generosos posto que nobres, os quais abandonaram os interesses da sua grei para se tornarem campeões das reivindicações populares, atitude que lhes valeu o ódio dos seus iguais e a morte violenta, pela hostilidade dos grandes proprietários de léis agrarias que apresentaram e que favoreceram, aos pequenos cultivadores. Por isso foram trucidados pelos senadores a quem prejudicavam.

Depois houve a revolta de Spartaco que á frente dos gladiadores gaulozes chegou a contar 150.000 indivíduos, estendendo-se por boa parte da Italia meridional, desafiando durante tres anos o poder romano. Crasso, o homem mais rico de Roma, á frente de muitas legiões e que os venceu em sucessivas batalhas e quando Pompeu, regressou de Espanha, exterminou os ultimos remanescentes.

O que depois se fez na idade Média através das hanças, das Guildes, das corporações, das Irmandades, das comunas, da propria maçonaria, seria profixo e fastidioso contar, mas o que é certo é essas instituições apresentarem sempre, ao menos quando surgiam, um núcleo de resistência á opressão, á tirania, aos abusos dessas listas épocas de horror e de trévas.

Está patente, pois, e está demonstrado até á evidencia que a luta social, a questão proletária não é nova; desde scéptulos que ela se vem mantendo através duma serie infinita de vicissitudes e dificuldades. O que ha de novo é o que lhe caracteriza o espírito moderno é o aspecto de universalidade que a empolgou e a favoreceu.

Todos essas pugnas líticas, todas essas lutas honeradas do passado tiveram um caracter local, apresentaram uma fisionomia regional, isolada, sem repercussão possível através de outras regiões. Abafadas em seu nascedouro, ali-

eram estranguladas, sem que o resto dos interessados as podessem secundar ou repell-las.

Hoje, felizmente, tudo conspira, tudo tende, tudo se inclina para que as lutas tomem um caracter de generalidade e de universalidade nunca sonhado sequer no passado. O jornal, o telegrafo, o telefone, o avião, o transatlantico, o trem, o livro, o manifesto, o correio, se encarregam de transmitir momentaneamente de um paiz a outro paiz, de um continente a outro continente tudo que se passa de mais importante e de mais característico; entre os povos, os individuos, as classes.

Desla maneira andam todos informados dos acontecimentos e as boas félices dum lado são aprendidas e applicadas nas occasões oportunas em latitudes muito diferentes, convindo salientar que a quasi igualdade de ambientes e de condições econômicas e morais das sociedades modernas favorece a acção dos mesmos medicamentos para as mesmas enfermidades, quer dizer, accel-

ta as mesmas soluções para os mesmos casos intrincados a resolver e decidir. Pelo que acabamos de dizer bem se pôde concluir que nunca, como hoje, houve maior preocupação pelo operário, pelo povo. Em época alguma a discussão esteve tão acurada acerca da Questão Operária e, nunca desperceu maiores affeições, sustos, e apreensões do que na actualidade. Mas essa questão não pôde nem deve ser resolvida á revelia do operário, o seu mais direito interessado, ao contrario, precisa e deve ser resolvida em seu favor e em favor do socido, da tranquillidade de toda a humanidade.

Os amigos da ultima hora não sabem, nem podem, nem querem resolver a radical e completamente, mas sim desviar a corrente do seu curso natural, nebliar uma treva, estabelecer um armistício, concertar um modus-vivendi e com isso ganhar tempo, amortecer energias, desarmar entusiasmos, criar despeitos, indifferencias; contemporizar, entretenc, deitar para os outros as responsabilidades. Já dizia aquele celebre rei Luiz XIV: «Depois de mim pôde vir o diluvio!».

É o que todos pensam. Pretendem amainar a tempestade enquanto ca estão. Quem vier depois... que se aguentem.

fecham as portas com fôrças e moratorias.

Triste época esta a que assistimos. Sopra pelo mundo um vento de desvalio guerreiro que só pode levar a uma agitação tal, que á de 1914 fique a perder de vista.

Melhor sorte espere a humanidade!

nictula tudo calcina e estiola, bastante fortes foram quando a fuma desdita so brevoiraram, ao aporparem as terras sulinas, por lei natural, sentem a mutação do habitat, que bastante influe no homem, e, ao invés de irem a uma des-sas latitudes frias zonas calcificas, deviam fazer um estagio em um sanatorio e se revalidarem antes de partirem para a fazenda, cujas condições de vida em nada absolutamente, os beneficiário pois que seguirão sendo os eternos anônimos párias, explorados, desatendidos em suas minimas pellições ou rogoz e, desprezados ainda, por aqueles mesmos camponezes que não medindo, adistancia e as condições entre eles existentes, que são identicas, por serem filhos de cá, escarnecem e menos prezam com um sarcasmo alvar e inconcienté de escravos satisfeitos!

O eterno problema, o insolúvel em-gema! De quem a culpa?

Do Estado, das leis, dos que representam o maadonismo, a administração, as finanças, a magistratura, o capital, a sociedade, enfim, o Homem, que como perleção maxima da criação zoológica, com todo seu saber e toda sua inteligencia, estabeleceu umas normas tão escusitas na vida, que faz fús condignamente, a um pedestal que lhe perpetua a memoria da passagem pelo planeta, no meio de um inmenso paúl a emergir sua mesquinha e sinistra figura do volutabro social londe, Imerso com todas as suas egotísticas e criminosas concepções, ha de desaparecer, no dia em que a grande transformação implante sobre a face da terra a verdadeira vida, que ha de ser a redentora hora que soará, rebando pelos amblitos do Orbe e estatubindo no fio almejado advento da Era Nova, dentro da paz, da liberdade e da fraternidade entre a humana especie.

JOÃO BUENO



Vida trágica dos trabalhadores

Um operario morre impressionado entre dois vagões

«Herculano dos Anjos Jesus, de 57 anos de idade, casado, quando a 2 de Março auxiliava o engate de dois vagões do «Tramway da Cantareira», na rua Itaporanga, atonteceu ficar esmagado entre os carros tendo morte instantanea.»

É raro o dia em que não apareçam varias noticias des-las: o sacrificio de vidas operarias que no rude mister dos seus labores estão expostas aos mais tragicos perigos.

É o premio desses seres obscuros e intrépidos que estão afrontando a morte á toda hora para evitar que amáquina sofra paralis, detenha a marcha regular do seu funcionamento.

E que recebem em troca esses heróicos obreiros do progresso e da civilização? — Recebem doestos, prisões, ameaças, quando reclamam mais alto alguma suavidade na tristeza da sua vida fadiga e monótona e suplicante.

Pobres trabalhadores! Pobres vítimas duma sociedade que sacrificia os seus mais uteis e laboriosos membros, como cousas desprezíveis, como seres sem significação no concerto social de que constituem a parte mais realçante e dignificadora.

mentos, contusões, vá de re-tro.

«Mil pessoas feridas! Algumas mortas, alguns casos de insolação! Ora ali está um carnaval bem tragico e tenebre.»

Lá diz o adagio: — «Boa festa faz, quem em sua casa fica em paz». Nunca ele veiu tão a proposito!

E viva a paz... armada

O sr. Hoover ao apagar das luzes, como despedida á alta investidura da presidencia dos Estados Unidos que acaba de deixar, assinou o projeto de lei que outorga ao Departamento da Guerra um crédito de 350 milhões de dólares. Como despedida, não podia dar melhor prova do seu carinho pelas cousas da guerra do que conceder tão importante quantia para armamentos.

Is, isto, quando se reúnem conferencias de representantes de todos os paizes para tratar de desarmar... ás avessas, como se está vendo.

É isto quando ha 20 milhões de desempregados naquela Republica! E centenas de milhares de crianças abandonadas e quando os bancos abrem falencia aos milhares

O Direito de propriedade

Chegou o tempo em que a injustiça, a insanía e a crueldade da posse da terra pelos que não a cultivam se tornou tão evidente como foi outrora a injustiça, a insanía e a crueldade da servidão.

Seja por todos os outros meios de opressão já estarem destruidos, seja pelo aumento do numero de homens, seja ainda porque se tornaram mais esclarecidos, agora já tanto os que possuem a terra como os que estão privados dela, vêm claramente o que não vem dantes: que o aldeão que trabalha toda a vida tem falta de pão por não ter: campos a agricultural, que não tem léis para os filhos, nem para os seus velhos paes por não ter pastagens; e que não tem lenha para se aquecer, emquanto ao seu lado o proprietario rural, que não trabalha e vive no seu dominio imenso, alimenta cabraños a leite, manda construir pavilhões e cavalariças luxuosas, cria ovelhas em campos de milhares de ares de extensão, planta parques e florestas, come e bebe numa semana o que seria bastante para alimentar durante um anno uma aldeia inteira que morre de fome — e os homens vêem que um tal estado de cousas não pôde continuar assim.

A injustiça, a insanía e a crueldade deste estado de cousas abre agora os olhos a todos, como outrora a injustiça, a insanía e a crueldade da servidão.

E quando os homens estão assim esclarecidos, este estado de cousas deve fatalmente ter um fim. Assim como terminou a servidão, também deve ter fim, e bem terminado, a propriedade rural.

LEÃO TOLSTOI

Sacrificios a Momo

No Rio, segundo as informações dos jornais diarios, atingiram a quasi mil o numero de socorros prestados pelos postos de Assistência Municipal de vítimas dos accidentes durante os festejos carnavalescos.

Desse accidentes alguns foram fatais. Houve tambem muitos feridos por explosões de lanças-perfumes, quedas de capotas de automoveis, vítimas de colisões de veiculos, registando-se ainda alguns casos de insolação.

Para balanço de festejo carnavalesco foi bastante Brincadeira que dá morte, folguedo que produz atropelos, feri-

Comemoração da Comuna de Pariz

GRANDE FESTIVAL no dia 18 de Março de 1933, no salão Celsa Garcia, á rua do Carmo, 25

ORGANIZADO PELO GRUPO DE «A PLEBE» EM Homenagem aos seus leitores

PROGRAMA

I — Abertura pela orchestra.

II — Congregação sobre a Comuna de Paris.

III — Representação do drama «Bandeira Proletária», de Marino Spagnolo.

IV — Atto de Variedades que constará de recitativos, cantos e monologos.

NOTA — Na proxima edição do nosso jornal publicaremos os numeros de canto, que serão executados por diversos camponheiros. — Os convites para este Festival podem ser procurados na sede da Federação Operária Rua Quilino Bocayuva, 85, ou na redação de «A PLEBE», á noite.

Maldição Eterna

(Adão expulso do Éden)

Eu sou a verdade às avessas: sou, em voz corrente, o teu pavor; sou o teu entrave, sou a tua perseguição, sou o teu mal em geral. Fiz o Mundo e fiz-te a ti. E o Mundo purificou-te e deu-te liberdade... porém proibí-te de comer o fruto da árvore da Ciência do Bem e do Mal. Desobedeceste-me. Amaldiçoai-te. Amaldiçoai-te e espulsete do Éden, do recanto maravilhosos e impeli-te para além a provar as agruras da Terra Bravia.

Amaldiçoai, em ti, também toda a tua descendência e maldita é também toda a terra!

Pensei ter feito uma obra prima e fiz um aborto: enganei-me.

Negaste a mim para dar crédito a uma enganadora mulher fludida por uma vil serpente rasteira! Pois bem, a minha maldição será contigo por toda a eternidade e a serpente será o teu perpetuo pesadeio.

A terra produzir-te-á espinhos e toda a sorte de males. E comerás o pão com o suor do rosto teu.

Já que conheces o segredo da ciência do bem e do mal, és livre de escolher: Escolheste o mal? Pois bem, serte á penosa a vida e serte á penosa o trabalho. Vivirás em contínuas atribuições e penurias. Maldito sejas dentre todos os demais animais e a minha cólera te persiga. Ad vitam aeternam.

A tua religião será o reino da serpente transformada em hidra.

Dormirás com a descarnada e fria Morte á cabeceira do teu leito, a qual te vigilará constantemente, sempre pronta para arrancar-te da tua realidade, que não conheces, e arrastar-te para uma outra realidade que nunca sonhaste.

Ah! Cometeste o crime de desobediência? Pois terás que haver-te com a minha justiça implacável, oandido! Todos os castigos do mundo recairão sobre ti e sobre todos os teus descendentes. Todo o teu produto custará, a ti e a todos da tua raça, dóres inenarráveis, lágrimas e sangue. Nada se fará de bom: Eu, também, falhei. Vult abortido maldito, vai-te! Escondete da minha presença e que os anos te sejam pesados e que a existência te seja ruim.

Serás testemunha do primeiro crime de assassinato por inveja e os teus filhos vindouros serão monstros de todos os quíntos e vítimas de todas as intrigas e depravações: serão, reis e serão mendigos; serão assassinos e serão mártires; serão conquistadores e serão miseráveis; serão ladões e serão patrões; patrões, serão senhores e, senhores, serão algozes.

A ciência do bem e do mal nas mãos inexperientes da humanidade inculta ser-ihé á fata.

Os teus descendentes acreditarão nos magos e acreditarão na Vida Eterna: Haverá quem tem por deus o ouro e por religião a exploração, e haverá quem se retorça na agonia da miséria em estrema e infinda penuria.

Tempos virão que, na Terra, se registarão os mais graves contrastes: montanhas de riquezas embarcadas, de um lado, e milhões de matriplidos, rotos e famintos, do outro lado.

O homem, teu descendente, será, ao mesmo tempo, lobo e cordeiro.

Feita de todo a humanidade será podrida. Será o joguete dos profetas e acreditará na minha vinda.

Vasallos, darão tudo aos reis. Cegos, acreditarão no Inferno. Surdos, interpretarão mal a voz dos pregadores de um bem possível.

Virão as guerras e virá a rapina: Os teus descendentes serão espirituos, estrangeirados, aprisionados, mortos, escravizados em massa pelos teus descendentes.

Os teus descendentes edificarão templos para orar e para cometer, toda sorte de orgias.

Serão vís e serão hediondos. Serão abastados e serão famintos. E a Terra (que deveria ser de todos) será d'putada palmo a palmo, assim como todos as indústrias, que virão a surgir, pela ganância infrene dos teus

descendentes, como se fosse a única e suprema salvação.

Haverá quem se libra nas nuvens e quem chafurda no esterco. Vai-te. Povoa o Mundo de milhões de séres da tua espécie, miserável, e, enquanto tu do isso se fôr desenrolando lentamente no panorama do tempo eu irei preparando a grande hecatombe final.

Assim falou o itacundo Jeová bíblico a Adão, enciumado por este ter conhecido o arripio supremo, o extase magnífico, ao morder as opulentas e arredondadas pomas que a gentil e tentadora Eva lhe ofereceu como o dom mais excelente do seu ser, a oferta mais delicada do seu corpo admirável.

AUGUSTO COMTE

Quatá, Fevereiro de 33.

O Trabalho

A GRANDE EPOPEIA

A mórera, o antropopiteco, o homem, tipos que representam resumos de grandiosos milhões vitais anteriormente eternos, cada um em seu ambiente e, com seus próprios meios, sentiram necessidades, compreendem o modo de satisfizê-las, trabalharam e gozaram duma satisfação.

Quer dizer, a matéria, pela positiva e íntima eficácia da sua substância (o que é essencial) e de sua energia (o que age), vive organizada, evoluciona, aperfeiçoa a sua organização, realiza quantos atos necessita para viver e para seguir vivendo, e acumula trabalho elaborado, que em parte consome, transformando-o por adaptação reparadora e nutritiva, e em parte reserva como meio creador de novas energias e de múltiplos e grandes produtos, formando assim esse imenso capital de bondade, de beleza e de justiça, cujo inventário, com toda a sua grandeza, cabe, se não no cérebro do homem, no cérebro coletivo da humanidade.

As raças e os povos que mais avançaram no progresso, já que não a humanidade inteira, caminharam muito desde aquelas remotas idades em que todos, á semelhança dos semi-primitivos atuais, viviam dos azares da caça, que era refrega feroz terminada em sanguinolenta antropofagia e em que se não deixava aos herdeiros mais que uma caverna por vivenda, pobres instrumentos e armas de pedra para o trabalho e para a guerra condições ambas indispensáveis para ir vivendo.

Pelo trabalho, pois, que é observação, estudo, método, generalização serial, aplicação prática e transformação aplicável á realização de desejos e á satisfação de necessidades individuais e coletivas, temos hoje terrenos habitáveis onde havia emaranhados bosques, pantanos lamacentos e climas insuportáveis; terras antes esteréis nos submústrans ricas e abundantes menses; rochas abruptas que serviam de guardião ás feras, sustentam na atualidade ateiramentos onde se cultivam a vinha e a oliveira; plantas antes silvestres, de fruto áspero e raízes incomestíveis, transformadas por enxertos e referadas culturas, praticando a seleção muito antes que a ciência formulasse as suas leis, converteram-se em hortícolas ou arvoredos frutíferos úteis e agradáveis; extensíssima rede de caminhos de ferro e estradas que snicam a terra, cruzam os rios e p-rturam as montanhas, põem em comunicação rápida e direta a aldeia e a cidade, distribuindo incessantemente a produção e facilitando o trato, o conhecimento, a comunicação intelectual e mesmo a amizade de pessoas das mais afastadas regiões; os rios são navegáveis; as costas conhecidas e acessíveis; os tesouros minerais, arrancados, e onde quer que se entrecruzem as vias de distribuição e de correspondência brotam e crescem cidades em cujo recinto se acumulam as riquezas da indústria, das artes, das ciencias.

Milhões de séres humanos, diz Kropotkin, têm trabalhado para criar esta civilização de que hoje nos orgulhamos: outros muitos, dessemelhados por toda a terra, trabalham para sustentá-la e extendê-la; não poucos tem de pensar, trabalhar, lutar e sacrificar-se para civilizar os selvagens que vivem no seio da sociedade civilizada e para elevar as hordas da barbaria á altura da vida conciente e progressiva.

Até o que parece mais pessoal, o pensamento, a inspiração, o engenho mecânico, é obra coletiva, trabalho de todos. Sábios, pensadores e artistas de todas as épocas tem trabalhado para elaborar o conhecimento, suscitar a admiração da beleza, educar as paixões, extinguir o erro e criar certa atmosfera de critério científico; milhares de inventores tem sido os precursores dessas admiráveis máquinas modernas que facilitam, multiplicam e distribuem a produção.

Avançando sempre, quer dizer, trabalhando, podemos considerar-nos no bom caminho: mas, se temos ainda em conta que temos submetido ao trabalho, para nosso proveito, as forças naturais, até ao ponto de que para 1.600 ou 1.600 milhões de habitantes que conta o nosso Globo, possuimcs uma força de, pelos menos, 200 milhões de cavalos a vapor; que cada cavallo-força técnico representa tres cavalos e que cada cavallo equivale á força de sete homens, resulta que, ainda prescindindo de outros meios de produção mecânica, temos multiplicado prodigiosamente nossa força e nossa capacidade produtora, posto que com o só trabalho de conservação e vigilância, temos em atividade constantemente mais de 2.000 milhões de forças humanas.

Conte-se, além disso, que o acrescentamento de forças procede até agora da tração civilizada da humanidade, com exclusão dos parasitas do privilegio e das raças atrasadas e estacionárias, as quais pela força expansiva da tração humana culta, mediante a reorganização social e pela colonização burguesa, primeiro, e a contratação livre depois, agregaram todás as suas energias ao acervo comum, dando á produção, á vida, á justiça, á economia e á felicidade as suas últimas propoções que, depois de haver arrojado á sociedade presente, a critica ferivél de «Grimm's», entreviu o genio de Zola em sua grandiosa obra «O Trabalho».

ANSELMO LORENZO

A origem do Papado

A primazia do bispo de Roma não foi reconhecida senão após longos séculos de resistência, graças á politica astuta de papas desprovidos de escrúpulos. «A primazia de S. Pedro sobre a Igreja universal, escreveu Turmel, foi inventada para fazer fracassar a absorção de Paulo por Marcio: foi o produto artificial da polémica anti marcionita.

Pez sua entrada no evangelho de Mateus pelo ano 150, alguns anos antes do «Diálogo» de Justino, que a conhecencia Tal foi a origem do primeiro fundamento do papado. E o mesmo autor pensa, como muitos outros, que S. Pedro nunca esteve em Roma. A suposta homenagem prestada por Ireneu á preeminencia do bispo de Roma repousa sobre um erro cometido por certos tradutores e que não passa duma illusão. S. Cipriano, S. Bazílio, S. Gerônimo, Santo Agostinho não acreditaram na primazia da sede episcopal romana; e foi em termos cheios de desprezo que eles falaram, por muitas vezes, daqueles que a occupavam. O papa Liberio tornou herético, condena Santo Atanasio e coloca-o a par dos arianos. Foi o édito de

DESGARRÃO

Inédito para «A PLEBE»

*O operario não tem onde morar
Coitado! e faz de um quarto infeto, imundo,
Apertado, nojento, nauzeabundo,
O seu divino e sacrosanto lar.*

*E ali, uma hora a rir, outra a chorar,
Ele arrasta a existencia, neste mundo,
Como um cachorro, inutil cagabundo,
A procura de um lixo p'ra fossar.*

*E a multidão, é esse poder eterno,
E esse alimento que o burguez consome,
Dando-lhe, em paga, um torturante inferno.*

*Sempre esta coisa comica e sem nome:
O poro mata a fome do governo
E o governo reduz o poro á fome.*

CARLOS BACELAR

O anarquismo

apreciado por um politico honesto

Graciano, pondo as forças policiaes do império ao serviço do bispo de Roma, quem fundou a supremacia papal. Mandito e applicado pelos sucessores de Graciano, este édito, que é de 378, obriga os bispos a submeterem-se ás injunções de um qualquer que, até então, era para eles, não um chefe, mas um simples colega.

Gracias a prodigios de diplomacia e a fraudes habilíssimas, particularmente á publicação das «falsas decretais», pelo ano 850, o papa viu crescer progressivamente o seu poderio no dominio espiritual. Outras falsidades permitiram-lhe tornar-se o soberano temporal. «Em 756, diz Turmel, o apóstolo S. Pedro escrevia dos altos céus a Pepino uma carta choramingosa para lhe assinalar o perigo que ameaçava o seu tumulo e a sua igreja e para lhe ordenar, sob as penas mais graves, que fosse sem demora em seu socorro. Em 774, Carlos Magno recebeu do papa Adriano I uma cópia da «Doação de Constantino», ato pelo qual o primeiro imperador cristão concedia imensas territorios como propriedade á igreja romana, e, claro, foi calorosamente convidado a pôr em vigor esta «doação» que a desgraça dos tempos tinha aniquilado. Ora a primeira dessas imposturas era obra de Estevam II; a segunda tinha por autor o papa Adriano. Esta ultima foi explorada pelos papas até ao dia em que um cônego de S. João de Latráo, Lourenço Vaila, desvendou a fraude, o embuste, em 1540.»

Por aqui se vê como as falsificações têm grandemente servido aos papas para firmarem a sua dominação.

L. BARBEDETTE.

A «PLEBE» EM BAURU

O nosso jornal, assim como a brochura «Serviço militar obrigatorio para as mulheres?»—de M. L. de Moura, são encontrados á venda na Agencia de Jornaes e Revistas do sr. J. Soares—no «Salão dos 200», rua Batista de Carvalho—1—65.

«O anarquismo, entendido fora da interpretação grosseira que lhe pôde dar o VULGUS SINE NOMINE, fóra da interpretação brutal que lhe pôde attribuir os espiritos desviados, é um sistema social, filosofico e politico, em que se defende e preconiza a supressão da autoridade. ANARCHOS, de onde se deriva a palavra ANARQUIA, significa sem autoridade, assim como MONARCHAS de onde se deriva a palavra MONARQUIA, significa a autoridade de um só. V. Ex.^a compreende, e a camera multimissio illustrada compreende também, que na progressão ascensional dos espiritos não repugna á razão admitir um estado de intelectualidade e de perfeição tais, em que o homem não precise de ser compelido pela força da autoridade á pratica de seus deveres.

Nem esta possibilidade deixará de ser admitida por parte daqueles que creem na doutrina do progresso.

E nesse estado em que todos cumprissem seus deveres, em que todos fossem honestos, bons e honrados, para que serviria então a autoridade? Para nada. Todos seriam justos. Tudo seria livre. E af está o ideal do anarquismo. E' um ideal quimérico, impossivel de realizar-se? E' um sonho? Talvez.

Mas não repugna á razão comprehendê-lo como possivel, e é uma crueldade monstruosa incriminar o pensamento do espirito ou a crença da alma que se fixarem e acreditarem nesta felicidade ideal: crueldade monstruosa, sobretudo, se o espirito que pensa e o coração que crede são uns tantos desses desgraçados que succumbem nas lutas cruentas da nossa idade de ferro, um desses infelizes a quem falta em casa o fogo no lar, a luz sob o tecto, o alimento para os filhos, o pão para a mesa.»

MARCAE PACHECO
Par do ex-reino de Portugal



Federação Operária de S. Paulo
NOTA OFICIAL

A Federação Operária de S. Paulo continúa no seu posto ativa e vigilante, observando e acompanhando todos os movimentos a que é chamada a colaborar, a orientar, a guiar e aconselhar. Podem os operários associados nas organizações aderentes à Federação estar certos de que ela não faltará ao seu programa, aos seus deveres, aos seus encargos e responsabilidades. Ela permanecerá vigilante e atenta em seu posto de combate animando, instruindo e sustentando o bom combate pelas melhorias econômicas, morais e intelectuais dos trabalhadores, do povo operário, e pelo advento duma sociedade onde reine a fraternidade e a igualdade entre todos os seres.

Liga Operária da Construção Civil

FILIADA À FEDERAÇÃO OPERÁRIA DE S. PAULO
Camaradas! Esta corporação convida a todos os trabalhadores que pertencem à classe em C. C. em geral, a comparecerem à Grande Assembleia, a realizar-se amanhã, domingo, dia 12, às 9 horas da manhã, em nossa sede social, sala à rua Quintino Bocaiuva, 80. Que ninguém faltasse a esta assembleia na qual serão tratados assuntos de interesse para a classe em geral. Avante companheiros! Sem união nada podemos fazer.

A COMISSÃO EXECUTIVA
União dos Artífices em Calçados e Classes Anexas
FILIADA À FEDERAÇÃO OPERÁRIA DE SÃO PAULO

Os movimentos grevistas irrompidos nas casas Viuva Sanches e Negretti, em virtude do rebatimento da mão de obra no calçado Luis XV, continuam a desenvolver-se pacífica e ordenadamente, mas com resolução firme. O espírito de luta contra o patronato vem tornando-se demonstrado os companheiros sapateiros em greve. Ainda esta semana os cordadores da casa Viuva Sanches apresentarão ao Industrial um pedido de melhorias. Os companheiros da Casa Armenia, Rua 25 de Março, 287, em visita do industrial rebatam 500 réis por par abandonaram o trabalho em sinal de protesto e conciliam todos companheiros das fabricas e oficinas da vizinhança a estarem alerta contra as maquinellas artilhanhas do patronato sempre pronto para o golpe explorador contra os trabalhadores. Segunda-Feira, dia 13, Grande Assembleia na Casa Social para tratar assuntos a serem discutidos interessam a todos os sapateiros de São Paulo. Que ninguém falte.

Companheiros! Nunca como neste momento chamamos a atenção de todos os companheiros para que tenham as vistas bem voltadas contra as nuvens negras que se vislumbram no horizonte. Golpes terríveis contra os trabalhadores estão sendo preparados e estudados pelo capitalismo sanguinoso do nosso país, arruinador de nossa saúde. Preparemo-nos, companheiros! Unimo-nos dentro do nosso sindicato! Preparados enfrentaremos agregados e coactos todos os rendalhões que nos preparam. A união faz a força. Viva a nossa solidariedade!

União dos Empregados em Cafés
FILIADA À FEDERAÇÃO OPERÁRIA DE S. PAULO

Este sindicato de classe, que representa realmente os empregados em cafés, está efetuando uma pesquisa sobre o conceito da 'domesticação' com que se pretende insultar a classe, afim do patronato fugir ao cumprimento da lei de 8 horas. Assim é que acaba de se pôr em correspondência com as associações congêneres de Portugal, Uruguaia, Itália, Espanha e França, afim de demonstrar que seria um retrocesso do nosso país aos conceitos primitivos do sentimento escravo se aceitasse essa sugestão absurda das classes patronais.
União vale também iniciar uma série de palestras entre a classe, afim de elucidar nesse sentido, para que se-

União dos Operários Metalúrgicos
FILIADA À FEDERAÇÃO OPERÁRIA DE S. PAULO

Continúa esta organização a agir-se com o fim de prestar aos metalúrgicos de S. Caetano, que no momento lutam contra a desenfreada exploração da Companhia Brasileira de Mineração e Metalurgia, a solidariedade moral e o apoio material.

A União lançou um boletim manifesto, dirigido à classe, para que a mesma se manifeste. E pelo que se nota nos meios trabalhadores metalúrgicos, de esperar que logo a mesma se movimentem no sentido de fazer a máxima pressão sobre o patronato, que está surtindo pelo lado de os trabalhadores de São Caetano, se manterem solidamente firmes e não se submeterem às múltiplas manobras patronais.

A União fez realizar ontem uma reunião da classe, para tratar do movimento de S. Caetano. Pelo adiantado da hora não nos é possível dar relação dos trabalhos.

A Comissão Executiva, por intermédio de 'A Plebe', comunica aos delegados de oficinas aos socios em geral, que já estão em circulação os novos selos de pagamento de quotas, convidando os delegados para uma reunião em conjunto com a Comissão Executiva, na próxima 3ª-feira, ás 20 1/2 horas, no local da sede social, sito à rua Quintino Bocaiuva, 80.

S. CAETANO
Movimento parodista

Continúa o importante movimento grevista, nesta localidade, que até o momento se tem desenvolvido normal e pacificamente. Os trabalhadores da Cia. Brasileira de Metalurgia, não recusaram a minima coisa, em suas justas reivindicações, e pelo que temos observado no seio da Liga Operária local, entendida de que em conjunto com a Federação Operária de S. Paulo, orienta o movimento se tornasse desenvolvido normal e pacificamente. Os trabalhadores da Cia. Brasileira de Metalurgia, não recusaram a minima coisa, em suas justas reivindicações, e pelo que temos observado no seio da Liga Operária local, entendida de que em conjunto com a Federação Operária de S. Paulo, orienta o movimento se tornasse desenvolvido normal e pacificamente. Os trabalhadores da Cia. Brasileira de Metalurgia, não recusaram a minima coisa, em suas justas reivindicações, e pelo que temos observado no seio da Liga Operária local, entendida de que em conjunto com a Federação Operária de S. Paulo, orienta o movimento se tornasse desenvolvido normal e pacificamente.

Sindicato dos Manipuladores de Pão e Similares
FILIADA À F. O. S. P.

Domingo p. p., houve mais uma importante reunião desta classe que no momento se agita, no sentido de obter o cumprimento da lei de 8 horas que até agora dorme nas secretarias do Departamento do Trabalho.
Com a anexação dos empregados em Fabricas de Bombons e Chocolates ao sindicato está tomando um impulso fora do comum, contando em breve reacquirir o seu antigo prestígio nas lutas do proletariado. — A COMISSÃO.

Sindicato dos Trabalhadores em Fabricas de Chapéus

A PROPOSITO DA LEI DE FÉRIAS
Diz o «Radical» do Rio: «Numa rapida visita que fizemos ao Departamento do Trabalho, constatamos que existem cerca de 12.000 processos re-

ferentes ao não cumprimento por parte de patrões, da lei de férias.»
Ora, bolas, se ainda existem ingenuos que acreditam no cumprimento da lei, e o governo faz tanta questão da sindicalização oficial, que não sucederia se os trabalhadores de São Paulo, reclamassem o «Cumpra-se a Lei?»

O sindicato revolucionário, celula da organização corporativa, é constituído pelo agrupamento dos operários do mesmo officio, da mesma industria ou executando trabalhos similares.

O primeiro desejo dos que constituem um sindicato, é criar uma força capaz de resistir ás exigências patronais; não interesses que estão em jogo; portanto não podemos estar de acordo pela sindicalização do governo ditatorial, como na U. R. S. S. (Russia) onde o sindicalismo pretende que os trabalhadores se apoderem da direção economica do mundo, faze-do-se proprietários das fabricas, das officinas, dos campos, e regularizando a produção por meio das suas organizações, sendo, finalmente, uma mudança de propriedade nos meios da produção que passaram a ser do sindicato em logar do patronato.

Assim teríamos que trabalhando cada operário para o seu sindicato, formar-se ia a riqueza sindical ou seja da cotividade do sindicato. Que valor apresentaria essa riqueza considerada social e moralmente?
Não declarando a produção de uso comum, teria o mesmo valor que tem a riqueza dos atuais sindicatos burguezes.

O que procura o governo ditatorial é o predomínio economico, uma vez realizados esses fins existiria a mesma luta economica, e como então todos os individuos teriam de estar sindicalizados, a guerra pela hegemonia de interesses seria, em logar de ser, como agora entre sindicatos burguezes, entre sindicatos operários, porque dentro destes existiria o mesmo interesse que predomina dentro de aqueles. Eis porque tanto empenho em dar combate ás «organizações que não estão de acordo com o decreto 19.770, e que não acreditam na obra benéfica do Ministerio do Trabalho, onde só com o menosprezo do cumpra-se a lei de férias, já existem a bagatela de 20.000 processos!»

Trabalhadores chapelleiros, organizai-vos revolucionariamente!
J. S. M.

Rodolfo Felipe

Continua, infelizmente, preso, no «Paraiço», este nosso camarada.
Já está constatado que ele nenhuma participação tivera na feitura, impressão ou distribuição dos malditos prospectos que deram azo á sua detenção injusta.
No entanto, até á hora de A PLEBE entrar na máquina, não havia sido posto em liberdade.

Rodolfo Felipe tem a sua consciência tranquila: E' um ser inofensivo que nunca fez mal a uma mosca sequer. E' um trabalhador estudioso, inteligente e ponderado, um apaixonado pela QUESTÃO SOCIAL, que sonha com uma sociedade de iguais e de irmãos. Não cometeu nenhum delicto moral, não praticou nenhum delicto, não ofendeu o seu semelhante, não injuriou, não calunio, não prejudicou quem quer que seja. Se a humanidade fosse composta de seres iguais a Rodolfo seria a felicidade.

Protestamos mais uma vez contra a arbitrariedade da sua prisão e reclamamos a sua soltura imediata.

As infâmias do jesuitismo

(Conclusão da 1.ª pagina)
nes dessa ridicula e perigosa cerimonia á familia e á humanidade.

Neste exorcismo ritual os padres católicos no seu latíngua fazem mais do que insultar o ato de amor do qual se geram os seres humanos. A criança, para eles é um ser impuro, porque traz em si o germen do «pecado» original...

Religião de mentira, (como todas as religiões) falsidade e estupidez, a catolica romana não se peja de considerar pelos seus dogmas mais puros que a criança que acaba de nascer é comparavel aos vulgares criminosos que se ajoelham aos pés de um padre confessor.

Assim procedia com Tropman, o famoso bandido parisiense, o vigário de Saint Germain.

Cheio de indignação vim entretanto, a saber que minha esposa, minha irmã, um dos meus irmãos, minha cunhada e acumpliciados com outros carolas e com os padres da Penha, Moóca e da igreja de São João haviam sempre ás escondidas feito insultar pelo batismo a mim e aos meus referidos filhos, desprezando o ato de amor de que eles são o resultado.

Indignado e como ato de protesto cortei relações com todos, e, para arrancar minha esposa e filhos do meio desses intrometidos vou abandonar a casa que construí para lar de minha familia.

Eis aí a obra do jesuitismo. Se não enxotei de casa minha esposa ou se eu não me retirei foi porque tenho sentimentos nobres inspirados nas idéas que me emanciparam do espirito.
Mas, nestas linhas, creio que fique com sinceridade o meu protesto contra as infâmias clericais.

S. Paulo.
FRANCISCO D'ONOFRIO.

X DE MARÇO
Grande manifestação antifascista

Pela passagem do 61.º aniversário da morte do grande apostolo da liberdade e da humanidade,
GIUSEPPE MAZZINI

O Partido Republicano Italiano, a Lega dei Diritti dell'Uomo e o Centro de Cultura Social convidam todos os homens livres e o proletariado em geral a participar da grande manifestação que terá lugar domingo, 12 de Março, ás 9 1/2 horas da manhã no Salão dos Graficos, rua Barão de Paranapiacaba, 4-2.º andar, onde falarão os seguintes oradores:

Bixio Picciotti, Francisco Cianci e J. Carlos Boscolo.
Presidirá o ato o companheiro Viencio Guerreiro.

José Otícioia

Este nosso ilustre camarada virá a S. Paulo no próximo dia 18 para falar na festa que «A Plebe» realizará nessa data em homenagem aos seus leitores.
Todos os nossos amigos e camaradas poderão procurar convites na sede de «A Plebe», á noite, ou na rua Quintino Bocaiuva, 80 — 1.º andar.

Bibliografia

Conceitos sobre o sindicalismo operário, por M. Palmer (operário).

Edição pela Liga Operária da Construção Civil. — (S. Paulo, 1933)

Como o seu nome indica, esta brochura trata de esclarecer os trabalhadores sobre o valor, a significação e o alcance desse movimento empolgante chamado sindicalismo, indiciando o trabalhador a respeito da desigualdade social em que ele vive e dos direitos que lhe concernem, mostrando que o operário é o fator de todo o progresso e que por isso tem inadiáveis direitos a todos os gozozos que o mesmo progresso produza e realize, em vez de ser o eterno pária, o eterno produtor de todas as riquezas sociais, e a quem se nega o minimo direito de as desfrutar.

E', enfim, uma série de pequenos capitulos, escritos em linguagem chã e acessivel, linguagem de operário para operário, de cuja leitura os trabalhadores poderão tirar bom resultado, aproveitando os seus conselhos, as suas observações e as suas recomendações.

Gratos pelo exemplar recebido.

Grande Festa Dansante pró L'Italia, órgão dos antifascistas

Realizar-se á no Grande-Salão da Liga Lombarda, largo S. Paulo, 118 — um grande festival, no proximo dia 11 de março, á noite.
Além da dança será levada á cena um drama, uma comédia e um ato variado.
Os convites são distribuidos na sede do jornal, palacetete Santa Helena — sala, 118 — 1.º andar e na sede da Liga Lombarda, largo de S. Paulo 18.

Liga Italiana dos Direitos do Homem
(SECÇÃO DE S. PAULO)

Para quarta-feira, proxima, ás 20 1/2, na sede do jornal «L'Italia» — Largo da S. 53 — Palacetete Santa Helena — Sala 118 1.º andar, é convocada a assembleia geral dos socios.
Entrada franca aos socios e simpatizantes — A Comissão Executiva.

O festival da Federação

Foi além de toda a expectativa o festival. O salão ficou apinhado e todas as partes do programa foram executadas com a maior boa vontade e o melhor desempenho possível. Drama, conferência e comédia, assim como o ato variado resultaram um conjunto tão harmonico que se alguém o tivesse querido executar melhor não o poderia fazer, nem de encomenda.

Foi uma bela demonstração de solidariedade e de propaganda dos principios sociais que norteiam a Federação Operária.

A todos que contribuíram com o seu esforço e a sua presença, agradece calorosamente o Federaçã

Centro de Cultura Social
Hoje, no salão da rua Quintino Bocaiuva, 80, o Centro de Cultura Social realizará uma conferência. Entrada franca.